

**EXTREMISMO /** Governo cria protocolos para lidar com o aumento de conflitos na rede pública de ensino. Especialistas destacam a importância do olhar à saúde mental e do monitoramento de redes sociais de crianças e adolescentes

# Prevenção contra a violência

» MILA FERREIRA  
» DARCIANNE DIOGO  
» ANA CAROLINA ALVES

As secretarias de Educação e de Segurança do Governo do Distrito Federal (GDF) têm focado na criação de protocolos de prevenção para evitar e lidar com casos de violência em unidades de ensino da rede pública. Ao **Correio**, especialistas analisaram os fatores que têm culminado em atos extremos de violência por parte de crianças e adolescentes baseados em discursos de ódio disseminados em redes sociais.

Após a Polícia Civil do Distrito Federal (PCDF) impedir o ataque a duas escolas da rede pública, que teria sido planejado por dois adolescentes, o secretário executivo da Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP-DF), Alexandre Patury, falou sobre o trabalho preventivo realizado pela pasta, em parceria com a Secretaria de Educação. Segundo ele, existe um protocolo rígido e integrado, seguido todos os dias, independentemente de alertas ou de ameaças.

"Nossa inteligência monitora diariamente as redes sociais. É imprescindível que haja uma participação social nesse trabalho também. São muitas postagens e é importante que denunciem, caso haja suspeita de algo organizado", disse Patury.

O secretário-executivo alertou sobre a importância da atuação dos pais ao monitorar as atividades dos filhos nas redes sociais. "Precisamos falar de um novo termo, que é a claustrofobia inversa, quando, em vez de terem medo de ficar em um lugar fechado, os adolescentes

têm medo de estar em público, no meio de outras pessoas", destacou.

"Dessa forma, as redes sociais passam a ser o acesso deles ao mundo. Isso os deixa vulneráveis a serem cooptados por pessoas que fazem parte de grupos extremistas, nazistas, misóginos, etc. É importante que os pais monitorem diretamente a presença dos filhos nas redes sociais e não os deixem confinados nem vulneráveis", acrescentou.

Segundo Patury, a claustrofobia inversa é um comportamento que tem afetado cada vez mais jovens no Distrito Federal, deixando a segurança pública em alerta. "A barreira que tem separado os jovens da porta da rua deve ser quebrada pelos pais. Eles precisam agir para evitar que os filhos se deixem influenciar por discursos extremistas disseminados nas redes", enfatizou.

## Análise

Para o professor titular aposentado em psicologia social da Universidade de Brasília (UnB) Wanderley Codo, a adolescência é um período de formação da identidade que pode ser delicado para a saúde mental dos jovens. "Na adolescência, são comuns as crises de identidade. Eles ainda não sabem quem são, não se reconhecem como pessoas", observou. "Muitas vezes, os jovens acabam recorrendo ao nazismo e ao fascismo como instrumentos para lidar com as crises de identidade. O fascismo prega que o resto do mundo é inferior a você, inventa um passado brilhante que não existiu e para o qual devemos voltar. Isso acaba sendo um incentivo para quem está em crise de identidade", analisou.

## Palavra de especialista

### Perspectivas reais de futuro

**POR DÉBORA MESSEBERG,** PROFESSORA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)

*Vivemos um período de avanço de ideias de extrema direita no Brasil e no mundo. Precariedade de trabalho e crise econômica formam um terreno fértil para um discurso anti-establishment, isto é, que se opõe ao que é dominante. Isso acaba gerando a proliferação de um discurso de ódio, que se dissemina de forma acelerada por conta das redes sociais.*

*Vemos frustração e falta de perspectiva de futuro por parte dos jovens. Muitos têm o sonho de ser influenciadores, terem visibilidade por meio das redes sociais.*

*As escolas precisam estimular melhor os estudantes para que o conhecimento e o estudo sejam vistos como perspectivas reais de futuro. Atualmente, as modalidades de ensino não estão adequadas às necessidades*

*e aos interesses que têm prendido a atenção dos jovens.*

*Estamos realizando uma pesquisa com alunos do primeiro ano do ensino médio de escolas públicas para fazer um diagnóstico dos desdobramentos que a desinformação tem causado e do terreno propício criado para o fortalecimento de subjetividades autoritárias.*

*Nos impressionou a constatação de que há uma falta de perspectiva dos jovens, em termos de futuro. É preciso construir uma metodologia de combate à desinformação e de uso da internet para um aprendizado saudável. Vivemos em um planeta onde os adolescentes são bombardeados por conteúdos de consumo e idealizações. As redes sociais passam uma falsa sensação de que é fácil se tornar influenciador. Os jovens estão desestimulados a fazer qualquer esforço por meio do conhecimento, porque isso não traz ascensão meteórica, como acontece nas redes sociais.*

*A regulamentação das redes é um ponto fundamental nesse debate.*

Segundo o especialista, os adolescentes têm adotado discursos extremistas por conta de falsas sensações de saída das crises de identidade causadas pelo nazismo e fascismo. "O fascismo

trabalha com a violência para fortalecer o projeto de identidade. Ele inventa inimigos, assim como Hitler inventou os judeus. Agredir o mundo inteiro acaba se tornando uma forma de se

reafirmar como pessoa", frisou Wanderley Codo.

O professor ressalta que os caminhos para a saída das crises de identidade enfrentadas pelos adolescentes são a educação e o conhecimento. "Os jovens precisam perceber que são alguém sem precisar recorrer à violência. A arte e a música são caminhos para encontrar a própria identidade. Além disso, os jovens precisam acreditar na ciência, na história e neles mesmos", concluiu.

De acordo com o especialista em crimes cibernéticos Rodrigo Fragola, diferentes tipos de crimes têm migrado para o ambiente virtual. "Assaltos a bancos, injúria e ofensas, estelionato, fake news, chantagens e exploração sexual são alguns exemplos. As leis precisam evoluir para acompanhar a rapidez dos crimes cibernéticos. Alterações na legislação para acelerar os processos de bloqueio e identificação de crimes e seus autores são fundamentais. A legislação brasileira não é ruim, mas precisa ser adaptada à realidade das redes sociais", salientou.

"Aumentar o número de policiais especializados em crimes cibernéticos e fornecer a eles ferramentas e treinamento para investigar as plataformas on-line pode ser um caminho. A polícia deve trabalhar em parceria com as plataformas de internet para identificar e remover conteúdos ilegais e criminosos", sugeriu.

## Protocolo

Na última semana, a Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEEDF) lançou um protocolo



**Acesse o QR Code para ler cartilha do GDF com protocolo de orientação às escolas em casos de violência**

para orientar escolas sobre como agir em casos de violência. "Com o apoio de quatro subsecretarias, construímos um passo a passo para enfrentar diversas situações de violência", explicou a chefe da Assessoria Especial de Cultura de Paz da SEEDF, Ana Beatriz Goldstein.

Uma cartilha traz orientações específicas de procedimento em casos de diferentes tipos de violência, seja entre profissionais da educação, seja entre alunos ou entre ambos (**leia o QR Code para acessar a cartilha**). "Esse documento não é meramente um manual técnico, é um instrumento de cuidado, responsabilidade e proteção", disse Ana Beatriz.

A SEEDF está realizando o ciclo de palestras Prevenção aos Crimes Cibernéticos contra Crianças e Adolescentes, que está acontecendo entre agosto e setembro. A ideia é sensibilizar e orientar jovens, famílias e profissionais da educação sobre os perigos virtuais, com foco na educação digital e no uso consciente das redes. Além de apresentar práticas de prevenção e aspectos legais relacionados ao tema, o ciclo reforça a necessidade de engajamento coletivo para proteger os estudantes.

## SAÚDE

# Rede hospitalar do DF terá plano de segurança

» MILA FERREIRA

Após episódios de vandalismo em hospitais e unidades públicas de saúde no Distrito Federal, a pasta responsável pela área está elaborando o Plano Distrital de Segurança Hospitalar. A ideia da Secretaria de Saúde do DF (SES) é reforçar o aparato de segurança para servidores e pacientes. Ao **Correio**, o secretário adjunto de Integração da pasta, Valmir Lemos de Oliveira, informou que, no momento, a secretaria está colhendo dados para subsidiar o trabalho.

"A proposta é criar um plano de segurança para toda a rede hospitalar. Temos que tratar de controle de acesso, câmeras de segurança, vigilância. É um trabalho complexo que envolve diversas áreas", explicou Valmir. "A ideia não é somente fazer instalações físicas, é pensar em segurança hospitalar como um sistema que tem uma área de prevenção, de repressão, de dimensionamento de riscos", completou.

O secretário adjunto explicou que, para elaboração do plano, diferentes especificidades de cada unidade de saúde estão sendo consideradas. "Unidades que atuam somente com vacinação requerem um atenção diferente daquelas que atuam com cirurgias, por exemplo. As estruturas que estão sob administração do Instituto de Gestão Estratégica de Saúde do DF (Iges) também serão consideradas e, se necessário, faremos ajustes definidos pela presidência do instituto", enfatizou. "As soluções não podem ser isoladas, têm que ser pensadas, discutidas e precisam estar previstas em algum lugar", completou.

A Secretaria de Segurança Pública (SSP-DF) está participando da elaboração do plano. "O projeto em desenvolvimento vai garantir a segurança e a integridade das unidades do sistema público de saúde, seus servidores, usuários e equipamentos. Atualmente em fase de instalação, o projeto realizará o monitoramento de unidades de saúde em tempo real, permitindo ações de pronta resposta em caso de necessidade, por meio do imediato acionamento do Centro de Operações

da Polícia Militar (COPOM)", disse a pasta, em nota.

## Causas

Psicóloga e especialista em orientação psicanalista, Alessandra Araújo Vieira explicou que, no calor de uma situação de estresse extremo, como a demora em um atendimento de saúde urgente, o cérebro humano entra em um modo de "luta ou fuga". "Esse estado é orquestrado, principalmente, pelo sistema límbico, que é responsável pelas emoções e libera um coquetel de hormônios como o cortisol, o famoso hormônio do estresse, e a adrenalina", detalhou.

Segundo Alessandra, em pessoas com menor capacidade de regulação emocional, ou que já possuem desequilíbrios em neurotransmissores, como a serotonina, que ajuda a regular o humor e a impulsividade, essa descarga pode levar a uma explosão de agressividade. "A sensação de impotência e a percepção de ameaça à saúde ou à vida podem sobrecarregar as áreas cerebrais responsáveis pelo controle de impulsos, resultando em comportamentos desproporcionais e violentos, um verdadeiro 'curto-circuito' emocional", ressaltou.

## Consequências

Em 2025, houve pelo menos quatro episódios de vandalismo em hospitais e unidades públicas de saúde do Distrito Federal devido à demora no atendimento (veja memória). O Código Penal brasileiro prevê sanções para destruição, deterioração, subtração ou alteração de bens que pertencem ao patrimônio público, ou seja, ao Estado.

"As pessoas que danificam patrimônio podem ser enquadradas no artigo 163 do Código Penal, que prevê detenção de um a seis meses ou multa. Além da sanção penal, o autor pode ser obrigado a indenizar os cofres públicos pelos danos causados. Isso ocorre por meio de ação civil pública ou ação regressiva do Estado", esclareceu o advogado Diego Serafim, da Almeida Advogados. "Se o crime é cometido

Material cedido ao Correio



Unidade ficou fechada temporariamente por causa de agressões

contra o patrimônio da União, Estado, Município ou empresa concessionária de serviços públicos, a reclusão pode ir de seis meses a três anos", completou.

Advogado criminalista, Amaury Santos de Andrade lembrou ainda que, pelo fato de o bem público pertencer à coletividade, o dano afeta não apenas o Estado. "O cidadão é o verdadeiro destinatário dos serviços e estruturas públicas. O prejuízo desse tipo de vandalismo afeta também a sociedade e revela uma conduta antissocial que precisa ser firmemente responsabilizada.

A responsabilização criminal não exclui, ainda, a possibilidade de responsabilização civil, ou seja, o autor do dano poderá ser compelido a indenizar os prejuízos causados ao erário", salientou.

## Caminhos

Doutora em administração e especialista em gestão de saúde, Chrystina Barros destacou que uma parte dos gargalos que motivam alguns atos de vandalismo podem ser resolvidos com inteligência artificial. "A IA pode favorecer

o atendimento remoto, busca ativa de pessoas para que elas não precisem ficar retornando à unidade para acompanhar sinais e sintomas, etc. Existem ferramentas que podem ser aplicadas. A pandemia foi disruptiva para isso. Antes dela, a telemedicina não tinha regulamentação. Foi justamente a limitação da pandemia que trouxe essa ferramenta como uma solução real", lembrou.

A especialista salientou que não se pode abrir mão de contratar profissionais de saúde. "Infelizmente, vemos que faltam profissionais e que há sobrecarga dos que estão trabalhando, o que impede, muitas vezes, o atendimento digno. É preciso uma revisão de protocolos, de fluxos, de comunicação entre unidades, sistema de referência contra a referência, e também no uso da telemedicina e inteligência artificial", sugeriu.

Diretor e fundador do Hospital Ceuta, Silvío de Moraes Júnior destacou que a situação de tensão devido a longas esperas também é comum em hospitais particulares. "Tanto os grandes hospitais quanto as emergências particulares enfrentam o desafio de lidar com uma demanda superior à sua capacidade, levando pacientes e familiares à sensação de abandono e impotência diante de quadros de urgência", disse. "A resposta dos hospitais passa por reforço na segurança, investimento em triagem e treinamento de equipes para o acolhimento humanizado. No entanto, essas ações aliviam, mas não atacam o cerne da questão, que é a sobrecarga do sistema. É preciso ir além de soluções paliativas", alertou.

O médico falou sobre uma alternativa que já se mostra eficaz em diversos países e começa a ganhar espaço no Brasil. "É o modelo dos chamados hospitais dia. Essas unidades são estruturadas para atendimento de baixa e média complexidade, oferecendo procedimentos que não exigem internação prolongada. Ao descentralizar o atendimento e desafogar prontos-socorros e grandes hospitais, os hospitais dia permitem que casos simples sejam resolvidos com mais rapidez, conforto e eficiência", descreveu.

## Memória

27/4

» Um homem foi preso após quebrar portas de vidro da UPA de Ceilândia. O vandalismo foi registrado em vídeo por pacientes que aguardavam atendimento e mostra o detido jogando um objeto contra a estrutura, que foi ao chão. O acusado teria se irritado com uma suposta falta de atendimento médico.

23/5

» Com pedaços de madeira, duas mulheres quebraram uma porta do Hospital Regional de Santa Maria (HRSM). O motivo teria sido a demora no atendimento para o filho de uma delas. No mesmo dia, outras pessoas chegaram a chutar portas, quebrar objetos e ameaçar vigilantes.

28/5

» Em um ataque de fúria, um homem destruiu equipamentos da UBS 1, na Asa Sul. Ele teria sido atendido anteriormente por um programa itinerante do GDF, onde os médicos vão às ruas fazer consultas. Ao chegar à unidade de saúde, o profissional não estava no local. A ausência teria revoltado o paciente, que quebrou um computador e lançou objetos contra o vidro de uma sala.

6/7

» Um policial militar de folga agrediu dois seguranças no Hospital de Base após chegar ao hospital com a mãe inconsciente e precisando de atendimento. Ele teria se irritado com a burocracia do hospital na hora de dar entrada, gritado com servidoras e dito que "daria um tiro em todos".